

AMBIENTE DE NEGÓCIOS

A VISÃO DO CONSUMIDOR E DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO

SUMÁRIO

RESUMO - página 4

1 - CONJUNTURA ECONÔMICA 2024 - página 4

2 - PERCEPÇÃO DOS CONSUMIDORES - página 7

2.1 - CONSUMO DAS FAMÍLIAS - página 9

2.2 - IBC-BR - página 9

2.3 - SEGMENTAÇÃO POR RENDA - página 9

2.4 - SEGMENTAÇÃO POR GÊNERO - página 10

2.5 - SEGMENTAÇÃO POR UF - página 11

3 - PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS - página 12

3.1 - COMÉRCIO - página 13

3.2 - INVESTIMENTO - página 14

3.3 - SEGMENTAÇÃO POR ATIVIDADE - página 14

3.4 - SEGMENTAÇÃO POR UF - página 15

PALAVRA DO PRESIDENTE DO SISTEMA CNC–SESC– SENAC, JOSÉ ROBERTO TADROS

“Como é a tônica da nossa atividade, a vida do empresário do comércio de bens, serviços e turismo será repleta de emoções e desafios em 2025. O comércio brasileiro é um setor resiliente, que impulsiona e traciona a atividade econômica do País e gera o sustento para a maior parte da população.

Já vivemos muitos momentos desafiadores na perspectiva macroeconômica, e sempre conseguimos superar esses desafios. 2025 não será diferente. Embora a inflação esteja elevada, e os juros, em uma trajetória crescente, o comércio brasileiro é forte e dinâmico, e o mercado de consumo interno brasileiro é inigualável, trazendo um fator que poucos países no mundo possuem.

A Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) atua cotidianamente de forma árdua para garantir um ambiente de negócios melhor para os empresários dos setores do comércio de bens, serviços e turismo. Tivemos ótimos resultados em 2024, com ganhos significativos na reforma tributária; a defesa da competitividade do empresariado nacional pela taxaço das importações chinesas; e a proposição de uma reforma administrativa séria, que traga a dinamicidade que o Brasil merece. Continuaremos nessa luta em 2025, garantindo mais competitividade para o nosso empresariado e colocando o Brasil no caminho da prosperidade.”



José Roberto Tadros
Presidente do Sistema CNC–Sesc–Senac

PALAVRA DO ECONOMISTA-CHEFE DA CNC, FELIPE TAVARES



Felipe Tavares
Economista-Chefe da CNC

“Em dezembro de 2024, a Intenção de Consumo das Famílias (ICF) cresceu 0,2%. No entanto, apresentou queda de 1,3% em relação a dezembro de 2023, com os consumidores mais cautelosos devido ao acesso mais seletivo ao crédito e à inflação ainda pressionada. A segmentação de renda revelou aumento em famílias com mais de dez salários mínimos e retração nas com menor renda.

No setor empresarial, o Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec) teve avanços em 2024, com maior confiança nas medidas do Banco Central e maior dinamismo do mercado interno. Apesar da queda do comércio de bens duráveis, os empresários do segmento mostram maior confiança de que o Brasil pode superar o momento desafiador.

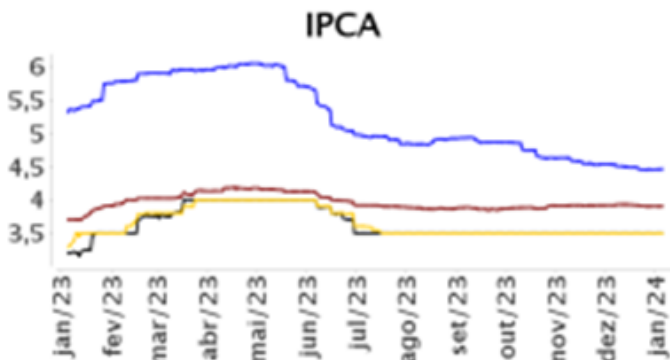
2025 será um ano desafiador, com o fiscal pressionando a estrutura de juros e inflação do País. Com crédito mais caro e inflação maior, as famílias tendem a ter maiores dificuldades nas suas compras, e os empresários terão de fazer uma gestão mais assertiva sobre os seus fluxos de caixa. O lado bom é que, se fizermos o dever de casa, o Brasil tem tudo para engatar uma boa trajetória de crescimento.”

RESUMO

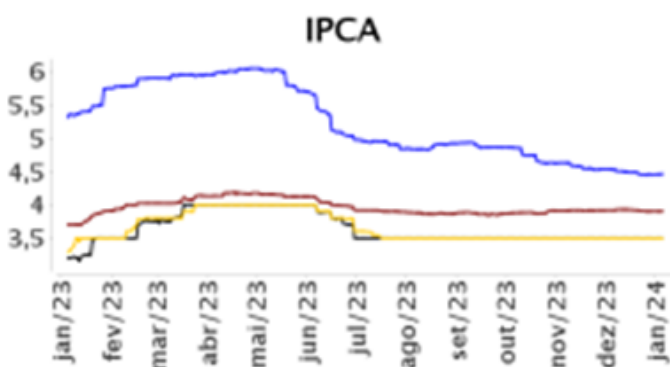
- 2024 foi um ano em que as expectativas de mercado reverteram fortemente, com deterioração dos fundamentos macro e destaques para inflação, câmbio e fiscal;
- Devido ao forte estímulo fiscal, 2024 deve fechar o ano com crescimento robusto em torno de 3,5%;
- A ICF fechou 2024 com redução de 1,3% em relação ao ano anterior;
- O Icec fechou 2024 com crescimento de 3,1% em relação ao ano anterior;
- Vendas de fim de ano ainda são o principal ancorador da confiança do empresário;
- Famílias de renda mais baixa sentiram mais a deterioração do quadro macro, com uma redução de 1,7% na perspectiva de consumo em relação a 2023;
- Juros e dólar são os principais componentes na preocupação do empresário, devido ao grande peso sobre o custo em financiar o negócio.

1 - CONJUNTURA ECONÔMICA 2024

A economia brasileira apresentou uma dinâmica de mudanças fortes ao longo de 2024. Em janeiro, as expectativas do mercado compiladas pelo Boletim Focus apontavam para uma trajetória ligeiramente otimista, mas a conjuntura foi marcada por uma deterioração significativa ao longo de cada trimestre, com diversos fatores externos e internos contribuindo para uma desaceleração gradual.



Expectativas no início de 2024



Expectativas no final de 2024

No início do ano, as expectativas do relatório de mercado apontavam para uma economia que caminhava para a recuperação, depois dos desafios em 2023. Com uma inflação projetada de 3,9%, havia expectativa de que a taxa Selic fosse reduzida gradualmente e encerrasse o ano em 9%, com previsões de estímulo ao consumo e ao investimento. Esse panorama, portanto, foi se alterando ao longo dos trimestres, com tensões fiscais; queda na confiança do mercado, causada por promessas não cumpridas pelo governo; e inflação pressionada acima do teto da meta do Banco Central.

Embora o arcabouço fiscal tenha sido apresentado como uma solução para equilibrar as contas públicas e dar previsibilidade ao mercado, as dúvidas quanto à sua execução cresceram durante o ano. A falta de clareza do governo em apresentar detalhes de como atingiria as metas fiscais propostas, principalmente em relação a redução do déficit primário e ampliação dos gastos discricionários, gerou receios e incertezas quanto ao comprometimento com o equilíbrio fiscal.

A postura do governo em relação ao Banco Central, com questionamentos sobre a autonomia da autoridade monetária do País, e as declarações de autoridades sobre os juros altos contribuíram para preocupações em relação a intervenções políticas na instituição.

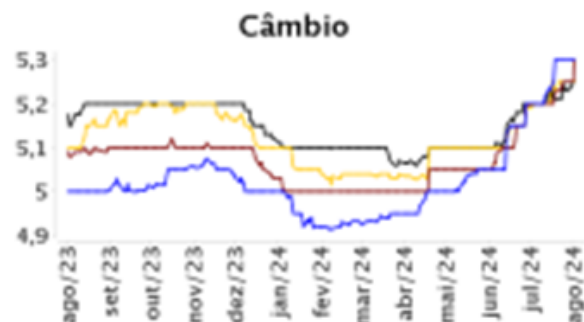
Além disso, o avanço da reforma tributária no Congresso teve um ritmo de aprovação mais lento do que o esperado inicialmente. Pontos como a falta de consenso sobre a unificação de impostos e a redistribuição de receita entre os estados trouxeram, por parte do mercado, questionamentos sobre a efetividade da reforma no curto e médio prazo.

No período de abril a julho, a arrecadação federal ficou abaixo das expectativas, devido à desaceleração da atividade econômica e ao impacto dos limites das medidas tributárias implementadas. A inflação continuou pressionada, especialmente pelo setor de serviços e por repasses cambiais decorrentes da valorização do dólar frente ao real. Em junho, o Banco Central começou a indicar a necessidade de novas altas na Selic para ancorar as expectativas inflacionárias.

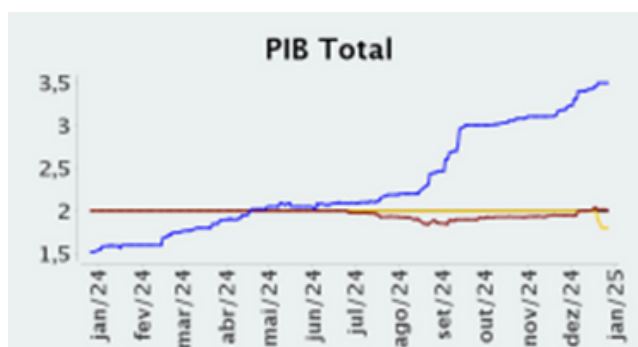
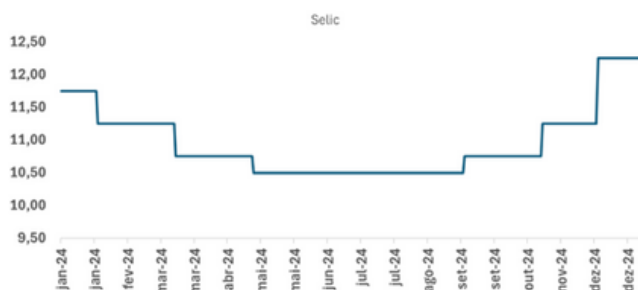
O cenário externo adicionou mais desafios à economia brasileira. A crise bancária em mercados desenvolvidos, com a falência de bancos nos Estados Unidos e na Europa, aumentou a aversão ao risco global e resultou numa saída de capitais ainda maior em mercados emergentes, como o Brasil. No início de agosto, o Focus já antecipava uma elevação das expectativas da inflação para 4,12% no ano e do câmbio (R\$/US\$) para 5,30.



Expectativa IPCA em agosto



Expectativa câmbio em agosto



No último quadrimestre, o Banco Central retomou o aperto monetário, elevando a Selic de 10,50% para 10,75% em setembro. A confiança cada vez menor e a falta de um ajuste fiscal sólido elevaram ainda mais a pressão sobre o câmbio. A moeda brasileira sofreu uma desvalorização superior a 20% entre setembro e dezembro, mesmo com novos aumentos da Selic pelo Bacen, que elevou a taxa de juros para 11,25% em novembro e finalizou o ano com novo aumento, desta vez de 1 ponto percentual, com a Selic chegando a 12,25%. Nem mesmo esses aumentos foram suficientes para contrapor o aumento do risco Brasil e recuperar a confiança dos investidores estrangeiros.

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro também teve alterações relevantes em relação às expectativas no início do ano. Com previsão de crescimento inicial na casa de 1,5%, a economia deve terminar o ano com um crescimento esperado de aproximadamente 3,4%. Com uma evolução no consumo das famílias, o avanço foi marcado por alguns motores principais, como o dinamismo do mercado de trabalho e a melhora no mercado de crédito.

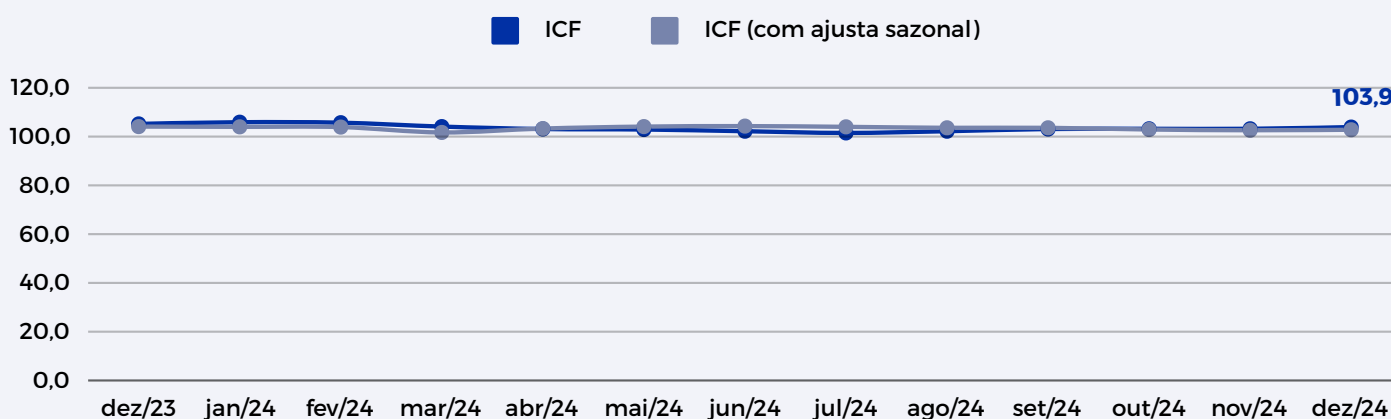


2 - PERCEPÇÃO DOS CONSUMIDORES

A pesquisa nacional de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) é um indicador antecedente do potencial das vendas no comércio, apurado mensalmente pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Os resultados medem o grau de satisfação e insatisfação dos consumidores, em que o índice abaixo de 100 pontos indica percepção de insatisfação, enquanto acima de 100 (com limite de 200 pontos) indica satisfação.

A pesquisa contempla 18 mil questionários analisados mensalmente, com dados de consumidores coletados em todas as Unidades Federativas, compilados em sete indicadores: três sobre as condições atuais (emprego, renda e nível de consumo), dois sobre expectativas para três meses à frente (perspectiva de consumo e perspectiva profissional), a avaliação do acesso ao crédito e o momento atual para aquisição de bens duráveis.

Gráfico 1. Intenção de Consumo das Famílias - Evolução do Índice



Em 2024, a ICF iniciou o ano com quedas no primeiro trimestre, mas com recuperação nos três meses seguintes. Contudo, o segundo semestre foi caracterizado por quedas, com recuperação apenas em dezembro, devido ao maior consumo natural no fim do ano. Mesmo assim, o resultado foi abaixo do observado em 2023, destacando maior cautela dos consumidores.

Quadro 1. Resumo principais indicadores

ÍNDICE	dez/24	Variação mensal*	Variação anual
Emprego atual	125,8	-0,2%	-1,0%
Renda atual	125,3	-0,1%	+2,0%
Nível de consumo atual	90,4	+0,0%	-1,2%
Perspectiva profissional	113,6	+0,2%	-3,7%
Perspectiva de consumo	108,8	+0,7%	-0,9%
Acesso ao crédito	93,8	-0,7%	-1,8%
Momento para duráveis	69,3	+0,5%	-3,3%
ICF	103,9	+0,2%	-1,3%

* com ajuste sazonal

O ano de 2024 terminou com 103,9 pontos, crescimento mensal de 0,2% e queda de 1,3% em relação ao resultado do ano anterior. Contudo, alcançou um nível melhor do que em dezembro de 2022 (91,3 pontos).

Em dezembro, a Perspectiva de Consumo foi a maior influência positiva (+0,7%), com as famílias tendo uma percepção melhor em relação aos próximos meses, tanto para o consumo quanto para o emprego.

O Momento para Compra de Duráveis teve uma recuperação em dezembro (+0,5%). No entanto, permaneceu abaixo do patamar de 2023 (-3,3%), continuando como o menor item da pesquisa (69,3 pontos). Esses produtos de maior valor agregado são mais suscetíveis às oscilações da Selic, que encerrou o ano em 12,25%.

O Acesso ao Crédito vinha em uma tendência de queda, com estabilidade em novembro e novo recuo em dezembro. Com isso, terminou o ano não sendo totalmente satisfatório para as famílias, que sentiram na pele a diminuição da oferta de crédito e o aumento do custo desse crédito. O aumento dos juros teve um efeito direto na redução do consumo, considerando a importância do crédito para o aquecimento do comércio.

As famílias se mostraram menos satisfeitas em relação a Emprego Atual, atingindo o pico de insatisfação em setembro. O primeiro e último trimestres foram os períodos de piora no indicador. Já em relação à percepção para os próximos meses, a Perspectiva Profissional também apresentou resultado negativo na comparação anual, mas com avanço no último trimestre, representando a melhora das contratações no fim do ano e a esperança de que o ambiente positivo do mercado de trabalho continue. Isso ocorre por uma expectativa na efetivação das contratações temporárias de fim de ano.

Os indicadores de consumo apresentaram resultados inferiores aos realizados em 2023, mostrando que as condições econômicas mais incertas, com a Selic aumentando para amenizar a pressão inflacionária, freou o consumo, tornando as famílias mais cautelosas em 2024. Na reta final do ano, os consumidores mostraram confiança numa melhora do ambiente, com avanço no último bimestre da Perspectiva de Consumo, alcançando 106,6 pontos em dezembro de 2024 após ajuste sazonal, o maior nível desde julho do mesmo ano.

GRÁFICO 2. PERCEPÇÃO DO EMPREGO - ICF



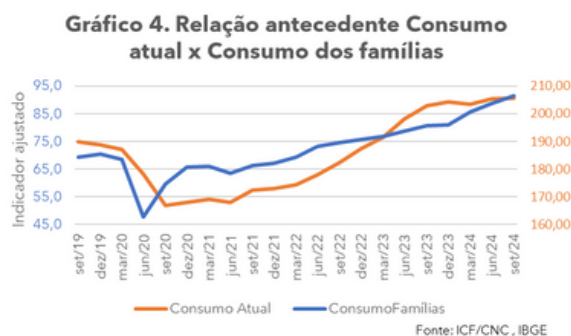
GRÁFICO 3. PERCEPÇÃO DO CONSUMO - ICF



“2024 foi marcado pela maior cautela do consumir e preocupações com o emprego.”

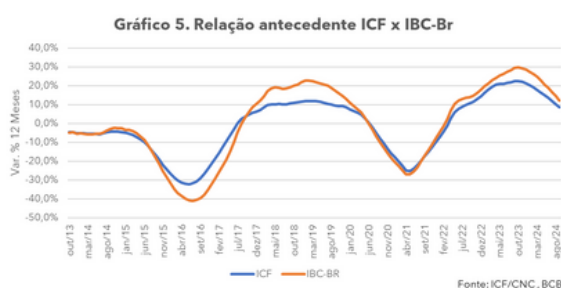
2.1 - CONSUMO DOS FAMÍLIAS

O objetivo da ICF é obter a percepção das famílias em relação ao consumo atual e futuro, e no gráfico 4 pode-se perceber a aderência da pesquisa aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo, portanto, um dado confiável para análise do comportamento dos consumidores brasileiros.



2.2 - IBC-BR

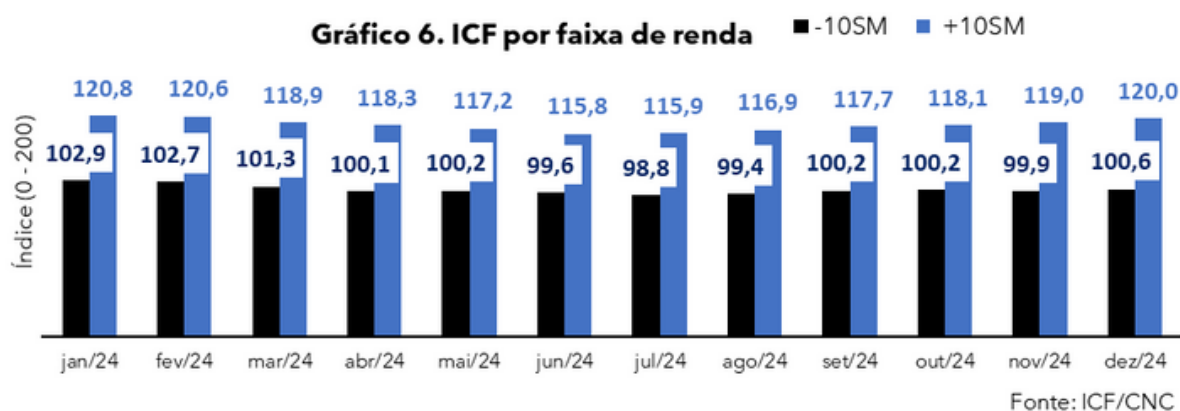
Como o consumo das famílias corresponde a maior participação no PIB pela ótica da demanda, conseguir capturar sua trajetória com antecedência representa uma proxy consistente para as contas nacionais. **Por isso, a pesquisa pode ser considerada um indicador consistente com a evolução do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br), uma aproximação mensal dos resultados do PIB.**



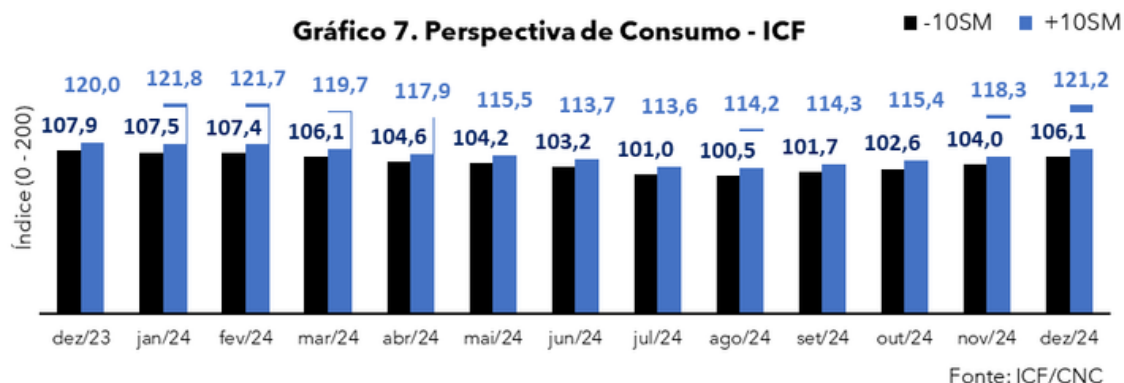
Pelo gráfico 5, percebe-se a aderência da pesquisa aos dados do Bacen, sendo, portanto, um dado confiável para análise do comportamento da atividade econômica do País.

2.3 - SEGMENTAÇÃO POR RENDA

Analisando a segmentação por porte de renda, as famílias que recebem menos de dez salários mínimos terminaram o ano com menor intenção de consumo (-1,8%), enquanto as com maior renda aumentaram a intenção de consumir (+0,4%). Sendo importante ressaltar que ambos os casos apresentam um nível satisfatório.

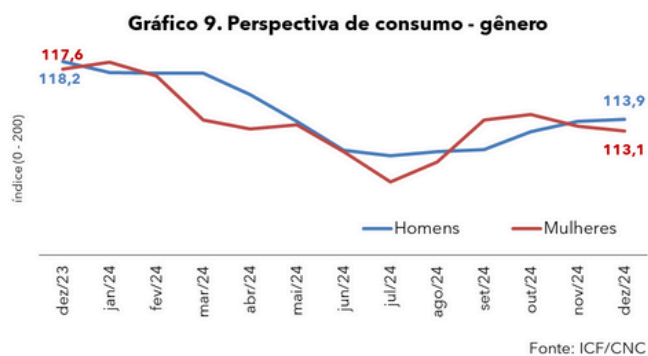
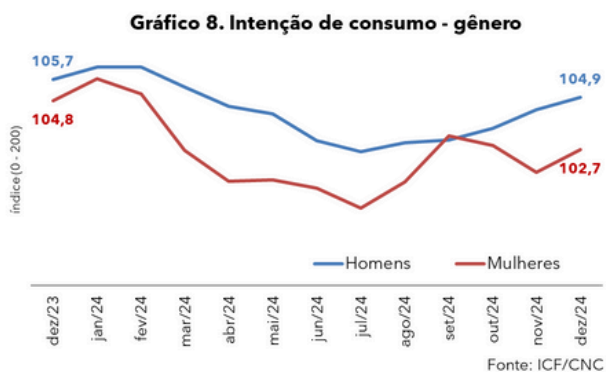


No segundo semestre do ano, as famílias com menor renda chegaram a apresentar indicadores insatisfatórios, com nova queda em novembro. Contudo, terminaram o ano com ICF acima de 100 pontos. Elas estiveram a maior parte do ano com nível melhor do que o observado em 2023, tendo queda apenas no último trimestre. Enquanto isso, consumidores com rendimentos acima de dez salários apresentaram variação anual positiva ao longo de 2024, tendo apenas desaceleração do crescimento.



A Perspectiva de Consumo encontra-se em patamar satisfatório em ambas as faixas de renda de renda, mas com a parcela mais rica tendo maior indicador, o que é coerente com seu maior poder aquisitivo. Contudo, os consumidores de rendas média e baixa tiveram queda de 1,7% em relação a dezembro de 2023, e os com maior renda aumentaram em 1,1% a expectativa de consumir.

2.4 - SEGMENTAÇÃO POR GÊNERO



Ao longo de 2024, o público feminino consistentemente apresentou intenção de consumo menor do que o masculino, tendo também quedas mais intensas. Com isso, elas revelaram queda de 2% em dezembro, enquanto para eles a retração foi de 0,7%. Tendência similar foi observada na Perspectiva de Consumo, sendo que elas apresentaram queda de 1,6% no indicador, e eles, de 0,3%.

2.5 - SEGMENTAÇÃO POR UF

No último resultado do ano, Roraima foi o estado onde as famílias mostraram maior avanço na intenção de consumo (25,6%) em relação ao indicador de dezembro de 2023. O Piauí assumiu a última posição, depois de uma queda de 8,7% no período.

Quadro 3. ICF por região

Região	dez/24	Variação Mensal*	Variação Anual
Norte	119,5	-1,5%	+13,3%
Nordeste	97,5	+0,0%	+2,2%
Centro-Oeste	107,8	-0,0%	+2,8%
Sudeste	106,8	+0,6%	-5,4%
Sul	84,7	-1,6%	-4,5%
Nacional	103,9	+0,2%	-1,3%

O quadro 3 mostra avanço na intenção de consumo de forma mais intensa na Região Norte, que também apresentou o maior nível ao fim de 2024. Dentre as cinco regiões do País, duas delas ainda não superaram o nível de neutralidade: Nordeste e Sul.

Quadro 2. ICF por estado

ICF			
dez/24	Indicador	Variação Mensal*	Variação Anual
RR	108,0	+2,3%	+25,6%
AM	124,2	-6,0%	+19,1%
RO	118,2	+0,4%	+11,7%
AP	119,4	+0,4%	+11,2%
CE	89,5	-0,6%	+10,7%
DF	107,3	+0,9%	+9,2%
MT	116,5	-0,7%	+7,7%
PA	119,7	+0,0%	+7,7%
RN	76,8	+6,3%	+7,2%
PE	103,1	-1,4%	+3,5%
MA	87,4	+0,5%	+2,6%
SE	102,5	-0,0%	+1,9%
SC	117,9	+0,1%	+1,1%
TO	107,9	+2,0%	+0,9%
BA	111,7	-0,5%	+0,9%
ES	111,1	-0,8%	+0,0%
BR	103,9	+0,2%	-1,3%
AL	112,5	+1,2%	-2,1%
MS	105,9	-1,2%	-3,1%
RS	59,9	-3,6%	-4,0%
SP	108,5	+2,8%	-4,3%
GO	106,1	-0,6%	-5,3%
PR	98,6	-1,6%	-6,1%
RJ	110,2	-1,2%	-6,6%
PB	65,0	-0,6%	-6,6%
MG	90,4	-1,6%	-8,7%
PI	101,9	-0,9%	-8,7%

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO DO COMÉRCIO

ICEC

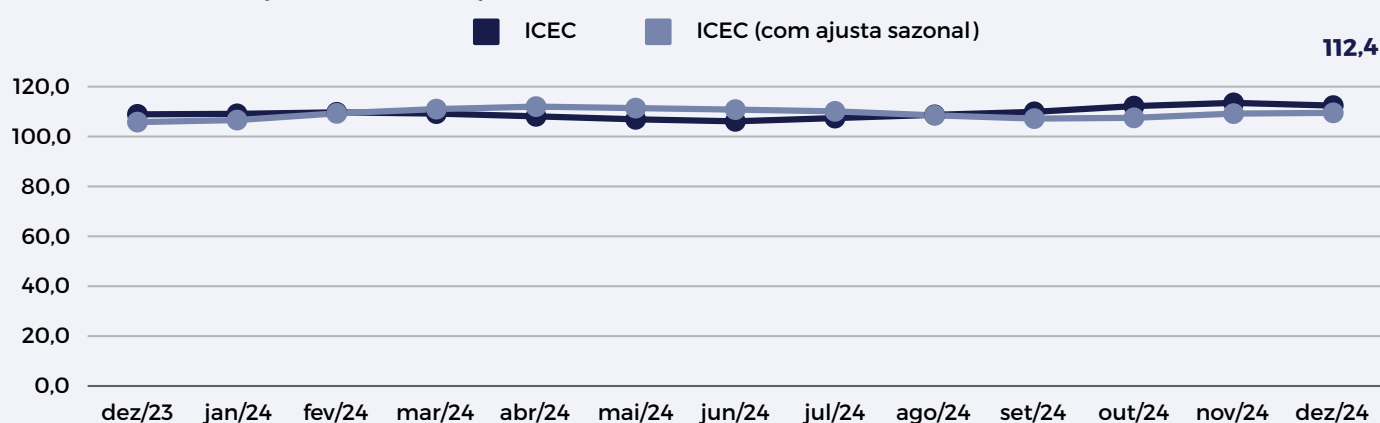


3 - PERCEPÇÃO DOS EMPRESÁRIOS

O Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec) é um indicador antecedente, pesquisado mensalmente pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) com os tomadores de decisão das empresas do varejo. O objetivo é detectar as tendências das ações empresariais do setor, levando em conta as avaliações das condições correntes e expectativas para seis meses à frente. A amostra é composta por aproximadamente 6 mil empresas situadas em todas as capitais do País, e os índices apresentam dispersões entre 0 e 200 pontos, sendo 100 pontos o nível base de satisfação.

O Icec é construído com base em nove questões: as três primeiras compõem o Índice de Condições Atuais do Empresário do Comércio (Icaec), que compara a situação econômica do País, do setor de atuação e da própria empresa em relação ao mesmo período do ano anterior; as três perguntas seguintes avaliam os mesmos aspectos, mas em relação ao futuro no curto prazo, e formam o Índice de Expectativas do Empresário do Comércio (IEEC). As últimas três perguntas compõem o Índice de Investimento do Empresário do Comércio (IIEC) e abordam questões mais específicas: (i) expectativa de contratação de funcionários para os próximos meses; (ii) nível de investimentos em relação ao mesmo período do ano anterior; e (iii) nível atual dos estoques diante da programação de vendas.

Gráfico 10. Evolução da confiança do comércio



O Icec demonstrou avanço em quase todos os meses de 2024, tendo quatro quedas consecutivas entre maio e setembro. Apesar disso, terminou o ano com crescimento de 3,1% frente a dezembro de 2023, alcançando 112,4 pontos. Apesar do resultado positivo, ainda se encontra abaixo do observado em 2022.

A maior influência no resultado anual foi do subindicador Condições Atuais do Empresário do Comércio (+4,6%), principalmente o referente à empresa (+6,0%). No entanto, as Condições Atuais permanecem abaixo da zona de satisfação, com 84,7 pontos, mostrando que os empresários estão num espectro pessimista.

O único item com queda anual foi o de Estoques (-1,4%), revelando o desafio dos empresários de estimar suas vendas para conseguir adequar suas compras ao seu fornecimento. O investimento na Contratação de Funcionários se destacou com aumento de 6,4% em relação a dezembro de 2023, porém teve queda mensal, mostrando que o emprego temporário de fim de ano teve mais força em outubro e novembro, quando o item avançou 1,6% e 2,0%, respectivamente, com os varejistas já tendo ajustado seu quadro de funcionários neste mês.

O avanço apresentado na intenção de consumo estimulou o otimismo dos empresários, com o Icec crescendo pelo terceiro mês consecutivo, dado que o fim de ano sempre é uma data otimista para o empresário.

Quadro 4. Resumo principais indicadores

Índice	dez/24	Varição mensal*	Varição anual
Condições atuais	84,7	+0,7%	+4,6%
Economia	68,8	+0,9%	+1,6%
Setor	81,8	+0,3%	+5,5%
Empresa	103,5	+0,9%	+6,0%
Expectativas	143,8	+0,3%	+2,1%
Economia	133,0	+1,1%	+2,4%
Setor	144,4	-0,2%	+2,4%
Empresa	154,1	+0,1%	+1,6%
Intenções de investimentos	108,5	-0,2%	+3,4%
Na contratação de funcionários	128,9	-0,5%	+6,4%
Na empresa	103,4	+0,1%	+4,1%
Em estoques	93,3	-0,1%	-1,4%
ICEC	112,4	+0,2%	+3,1%

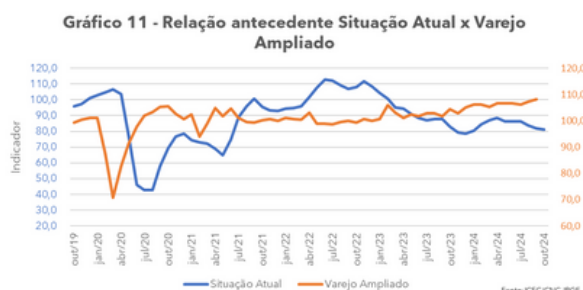
* com ajuste sazonal

“Apesar dos desafios, 2024 foi um ano bom para o varejo brasileiro.”

3.1 - COMÉRCIO

O comércio varejista ampliado cresceu 4,3% no acumulado de 12 meses até outubro, segundo dados do IBGE, com crescimentos ao longo de todo o ano. A intenção do Icec é perceber o comércio do ponto de vista do próprio comerciante, tendo uma visão mais realista da economia brasileira.

Como pode ser observado no gráfico 11, **a percepção dos empresários em relação à situação atual tem tendência similar à observada para o volume do comércio, sendo, portanto, uma boa alternativa de indicador antecedente.**



3.2 - INVESTIMENTO

Com maior confiança no setor e na economia, cria-se o estímulo de investir na empresa para ganhar mais eficiência.

Por conta do ambiente presente, com juros mais altos e inflação reduzindo o poder de compra de seus consumidores, os varejistas foram mais conservadores em 2024.

Dentre as opções de investimentos analisadas, a Intenção de Investimento na Empresa foi a mais aderente à Formação Bruta de Capital divulgada pelo IBGE, constatando que o comércio está buscando formas de se modernizar.



3.3 - SEGMENTAÇÃO POR ATIVIDADE

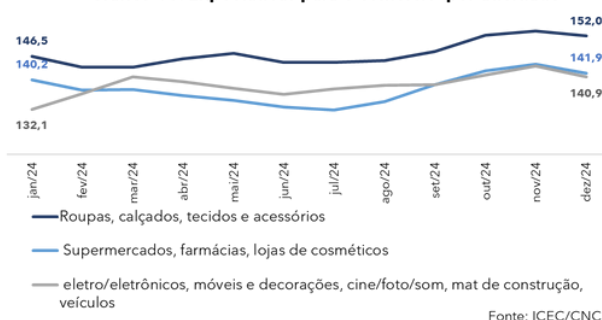
Dentre as atividades pesquisadas, a maior influência foi dos bens duráveis, com avanço de 6,9% entre janeiro e dezembro de 2024. Apesar de a compra desses bens ter piorado no ponto de vista dos consumidores, e de o momento para a sua compra permanecer sendo ruim, os empresários já se revelaram confiantes. Mesmo com o último aumento da Selic, a taxa de juros teve alguns cortes durante a trajetória do ano que incentivaram o consumo.

As expectativas para o comércio melhoraram em relação ao ano anterior, principalmente para os lojistas de bens duráveis (+5,8%). Para os de bens não duráveis, houve retração de 1,4%.

Quadro 5. ICEC por segmentos

Índice	dez/24	Varição Mensal*	Varição Anual
Roupas, calçados, tecidos e acessórios	116,8	-0,2%	-0,4%
Supermercados, farmácias, lojas de cosméticos	113,2	+0,6%	+1,1%
Eletrônicos, eletrodomésticos, móveis e decoração, cine/foto/som, material de construção, veículos	109,6	+1,8%	+6,9%
ICEC	112,4	+0,2%	+3,1%

Gráfico 13. Expectativas para o comércio por atividade



3.4 - SEGMENTAÇÃO POR UF

Os empresários de todos os estados estavam satisfeitos com sua confiança em dezembro de 2024, com o Amapá assumindo a liderança, e o Rio Grande do Sul tendo o menor indicador.

O Amapá apresentou o maior crescimento (12,8%) em 2024, enquanto seis estados tiveram resultados menores do que em dezembro de 2023: Mato Grosso do Sul, Acre, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Sul.

Quadro 7. ICEC por região

Região	dez/24	Variação Mensal*	Variação Anual
Norte	119,2	-0,0%	+7,3%
Nordeste	116,4	+0,7%	+2,8%
Centro-Oeste	112,5	+0,5%	+3,3%
Sudeste	109,7	-0,1%	+2,9%
Sul	110,3	+1,2%	+2,1%
Nacional	112,4	+0,2%	+3,1%

A Região Norte teve o maior crescimento entre 2023 e 2024, enquanto o Sul foi a que apresentou maior indicador, e o Sudeste, o menor. No entanto, todas as regiões obtiveram Icec acima de 100 pontos.

Quadro 6. ICEC por estado

ICEC			
Estado	2023	Estado	2024
BA	-5,2%	AP	12,8%
SE	-8,9%	AM	10,1%
PB	-9,2%	TO	9,8%
ES	-9,7%	RO	8,1%
PA	-11,0%	PR	7,0%
SP	-11,1%	CE	6,9%
CE	-12,1%	MA	6,9%
RS	-12,2%	AL	6,8%
SC	-12,3%	MG	5,7%
RJ	-13,2%	RR	5,4%
BR	-13,2%	PA	5,1%
GO	-13,3%	RN	4,9%
PE	-13,8%	SP	4,5%
RN	-13,9%	GO	4,5%
PI	-14,7%	DF	3,9%
TO	-14,8%	BR	3,1%
DF	-14,8%	PI	2,9%
MA	-15,0%	PE	2,2%
PR	-15,2%	ES	1,6%
MT	-16,3%	MT	1,5%
MG	-16,7%	PB	0,8%
AC	-16,8%	SE	0,2%
AL	-17,5%	MS	-0,4%
RO	-19,8%	AC	-2,4%
AP	-20,1%	SC	-2,5%
MS	-20,7%	RJ	-2,6%
AM	-22,3%	BA	-2,9%
RR	-26,7%	RS	-3,3%

Fonte: ICEC/CNC